

“DEIXE-ME SER EU MESMO”

A história de vida de
Anne Frank



ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	3
• A Casa Anne Frank	3
• Porque Anne Frank?	3
• Por que uma exposição itinerante?	4
• Por que a educação pelos pares?	4
2 VISITA GUIADA	4
• Qual é o seu papel como guia?	4
• Como você se prepara para isso?	4
• No que consiste o programa da visita guiada?	4
• Dicas & Truques	7
3 A EXPOSIÇÃO	9
4 PARTE HISTÓRICA	10
5 PARTE CONTEMPORÂNEA	13

1 INTRODUÇÃO

Anne Frank

Anne Frank era uma menina judia que, durante a Segunda Guerra Mundial, teve que se esconder para escapar dos nazistas. Junto com seu pai Otto, sua mãe Edith, sua irmã Margot e outras quatro pessoas no esconderijo, ela passa a viver em um esconderijo na parte de trás das instalações da empresa de seu pai. Na época, Anne tinha treze anos. Durante o tempo em que permanece no Anexo Secreto, Anne escreve em seu diário vai se revelando uma escritora talentosa. Os escondidos permanecem no Anexo por 671 dias, auxiliados pelos funcionários do escritório de Otto. Em seguida, eles são traídos e deportados para diferentes campos de concentração. Anne morre em fevereiro de 1944, pouco antes da libertação do campo de concentração de Bergen-Belsen. Ela tem então quinze anos. Otto Frank é o único sobrevivente dos escondidos e volta para Amsterdã, ao final da guerra. Ele publica o diário de Anne Frank, o que acaba por atrair pessoas do mundo inteiro.

A história da vida de Anne Frank mostra, de forma pessoal e palpável, o destino dos milhões de vítimas do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. Uma história que começa com preconceitos e estereótipos. Situações que mesmo nos dias de hoje, no mundo inteiro, ainda levam ao antissemitismo e a outras formas de discriminação, exclusão e perseguição

A Casa Anne Frank

A Casa Anne Frank foi fundada em 3 de maio de 1957, com a colaboração de Otto Frank. Esta é uma organização independente, sem fins lucrativos, que se dedica à preservação do esconderijo e dos diários de Anne Frank e que se empenha em espalhar pelo mundo a mensagem de vida e ideais de Anne Frank.

A Casa Anne Frank desenvolve programas educacionais e produtos destinados a conscientizar os jovens dos perigos do antissemitismo, racismo e discriminação, bem como da importância da liberdade, igualdade de direitos e democracia. Essas atividades acontecem em vários lugares no mundo.

A Casa Anne Frank pode fazer o seu trabalho graças à renda do museu, além do apoio de fundos,

patrocinadores e outras organizações que fornecem subsídios financeiros.

Para obter mais informações visite:
www.annefrank.org

“O que aconteceu, não podemos mais mudar. A única coisa que podemos fazer é aprender com o passado e perceber o que discriminação e perseguição a pessoas inocentes significam. Minha opinião é que todos têm o dever de lutar contra o preconceito.” – Otto Frank

Por que Anne Frank?

Anne Frank é, talvez, a vítima mais famosa do Holocausto, mas também era um membro de uma família, uma filha, uma irmã e uma escritora talentosa. Através do poder de suas palavras, as muitas fotografias e a preservação do esconderijo, sua história de vida proporciona uma maneira perspicaz e inspiradora para aprender sobre o Holocausto. Anne era uma criança inocente, que só foi perseguida porque era judia. Histórias pessoais, como a de Anne Frank, bem como as de milhões de outras pessoas, contam a história do Holocausto e incentivam as pessoas a pensarem sobre o significado deste em suas próprias vidas e na sociedade atual. Na história da família Frank, vemos a história do mundo refletida a partir do período em que os nazistas chegaram ao poder. Para compreender o impacto do Holocausto, é preciso saber como era a vida antes da guerra, ouvir as vozes das vítimas de anos de perseguição, e aprender mais sobre as vidas dos sobreviventes depois da guerra. Assim, a exposição mostra o que um povo perseguido, como a família Frank, percebia com decisões políticas daqueles anos e com as ações de alguns indivíduos. A exposição convida os visitantes a se aprofundar em conceitos como diversidade, identidade, preconceito, igualdade de direitos e democracia.

Por que uma exposição itinerante?

A Casa Anne Frank criou uma exposição itinerante para chegar a tantas pessoas quanto possível, em seu próprio meio ambiente. Com as exposições, pessoas e escolas também podem organizar outras atividades para apoiar este projeto global. A exposição “Anne Frank - Uma História para Hoje”, que foi lançada em 1995, já atingiu mais de 3 mil regiões, em mais de 90 países.

Por que a educação pelos pares?

“Anne escreveu que não temos que esperar um momento para mudar o mundo; eu acho que nós só precisamos começar. Sempre temos a oportunidade de mudar alguma coisa, e ao se tornar um guia de pares, você contribui para isso.”- Anush (19 anos, guia de pares da Argentina)

Na maioria das vezes, as exposições são guiadas por jovens. Esta é uma forma da “Educação pelos pares”, que é um programa educativo com membros de um mesmo grupo como, por exemplo, pessoas da mesma idade. Antes de iniciar uma exposição, os guias são treinados para conduzi-las. Através do meio de educação pelos pares, os jovens se envolvem ativamente na exposição e podem encorajar outros a se envolverem também. A Casa Anne Frank tem quase 20 anos de experiência com esta metodologia.

2 VISITA GUIADA

Qual é o seu papel como guia?

A função dos guias é levar os visitantes para uma visita guiada e envolver os mesmos em discussões sobre os temas da exposição. Há muitas maneiras de ser um bom guia. Você terá a oportunidade de desenvolver suas próprias ideias, ajudando, à sua maneira, seus grupos a entender a exposição e a avaliar suas próprias opiniões e ações na sociedade moderna.

Como você se prepara para isso?

Além de participar da formação de guias, você pode se preparar para o seu trabalho lendo (ou relendo) o Diário de Anne Frank e/ou assistindo ao DVD “A Curta Vida de Anne Frank”. Consulte também alguns dos sites da Casa Anne Frank:

www.annefrank.org

O guia: www.annefrankguide.net/nl-NL

O Anexo Secreto Online: www.annefrank.org/nl/Subsites/Home/

E a “Linha do tempo de Anne Frank”:

www.annefrank.org/nl/Subsites/Tijdlijne

Você, obviamente, não é um historiador profissional e não precisa saber todos os detalhes. O importante é que você possa ajudar as pessoas a pensar sobre o passado, presente e futuro, e sobre o papel que desempenham no mundo de hoje.

Como é o programa de de uma visita guiada?

Dependendo do tamanho do grupo e do tempo disponível, a maioria das visitas costuma demorar cerca de 1 a 2 horas. Naturalmente, antes de iniciar um passeio, você deve se informar quanto tempo o grupo tem disponível para uma visita. O ideal é trabalhar com um grupo de cerca de 10 pessoas. Naturalmente, antes de iniciar um passeio, você deve se informar quanto tempo o grupo tem disponível para um tour. O ideal é trabalhar com um grupo de 6 a 8 pessoas. Se o grupo for maior, sugerimos dividi-lo em dois. Enquanto metade passeia pela exposição, a outra metade pode assistir ao DVD “A Curta Vida de Anne Frank” ou outro filme. Uma segunda opção é começar com um dos grupos na parte histórica da exposição e com o outro na parte contemporânea. Pergunte se o professor quer ajudá-lo na divisão do grupo.

Montagem de um programa de uma hora (dois guias)	
Boas-vindas, explicar o programa, dividir o grupo em A & B	5 min.
Grupo A parte histórica Grupo B parte contemporânea	25 min.
Grupo A parte contemporânea Grupo B parte histórica	25 min.
Encerramento	5 min.
Montagem de um programa de duas horas (dois guias)	
Boas-vindas, explicar o programa, dividir o grupo em A & B	10 min.
Grupo A parte histórica Grupo B parte contemporânea	45 min.
Pausa	5 min.
Grupo A parte contemporânea Grupo B parte histórica	45 min.
Encerramento	5 min.

Uma visita guiada consiste, normalmente, em três partes:

- Boas vindas
- tour
- fechamento

Antes de iniciar a visita guiada, tente , tente descobrir o que o grupo já sabe e explique o que você irá fazer.

A visita está, em grande parte, focada nas questões-chave e temas da exposição. A intenção é que os membros do grupo prestem atenção nas questões colocadas na exposição, e é seu trabalho ajudá-los a interpretar as informações que lhes são oferecidas. A parte final do passeio oferece oportunidade para reflexão: os membros do grupo devem talvez falar sobre o que os surpreendeu na exposição, o que eles aprenderam sobre si mesmos ou sobre os outros, ou sobre o que lhes tocou profundamente. Seja realista sobre a quantidade de informação que você pode passar e as discussões que você pode lançar. Você não tem tempo para discutir cada painel profundamente. Portanto defina prioridades. Faça o que puder, mas também saiba que você não pode fazer tudo. De preferência, reserve seu tempo para falar de alguns assuntos, ao invés de passar por vários assuntos de forma superficial. Caso contrário, o tour ficará muito complicado para o grupo e você vai perder a atenção deles. Em outras palavras, “less is more” (menos é mais).

O início

• Dicas de outros guias

Um bom guia de pares é amigável e paciente. Porém, antes de qualquer coisa, um bom guia de pares deve mostrar interesse pelo seu trabalho, porque só assim os visitantes acharão a exposição interessante e irão realmente aprender alguma coisa. – Tanuj (18 anos, guia de pares da Índia)

Quanto mais você souber sobre o grupo antes deles chegarem, melhor. Tente descobrir com os organizadores se os assuntos do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial já foram tratados na escola e, em caso afirmativo, quando e como. Existe alguma coisa especial que você precisa saber sobre o grupo? Qual a idade dos alunos? Faça um pequeno bate-papo com o(s) professor(es) assim que o grupo chegar. Você pode descobrir imediatamente se neste dia ou nesta semana aconteceu algo que afetou a concentração dos alunos. Um bate-papo também pode convencer os professores de que você é alguém a quem eles podem confiar seu grupo de alunos. Além disso, eles podem ajudá-lo, se o grupo não prestar atenção.

É importante que os participantes tenham chance de dizer alguma coisa e que se sintam envolvidos na visita. Tente se comportar da forma mais natural e aberta possível. Prepare um bate-papo de boas-vindas: dê boas-vindas ao grupo, apresente-se, fale quem você é e o que você faz. Muitas vezes, você não conhece os visitantes, e se sua introdução for pessoal, é mais provável que eles lhe deem atenção. Por exemplo, você pode dizer por que decidiu se tornar um guia. Fale também sobre o que espera do grupo e lhes pergunte sobre seus desejos e expectativas.

Depois de ter se apresentado, você pode perguntar que tipo de atividades o grupo já fez, se eles já ouviram falar de Anne Frank, o que acham dela e e porque a consideram interessante. Você pode perguntar como eles se prepararam para a visita (o professor já deve ter dito alguma coisa, então você pode confirmar isso). Talvez alguns alunos tenham lido o diário e se lembrem dele ou tenham perguntas a respeito (você pode dizer que você vai tentar responder a estas perguntas durante a visita.). Você pode lhes perguntar se eles têm um

diário ou um blog (pessoal) e o que isso significa para eles e, caso tenham, do que este (diário | blog) difere do diário de Anne Frank? Dê-lhes espaço para compartilhar seus sentimentos e pensamentos.

• *Dicas de um instrutor de guias*

Guias de pares não precisam saber a história de cor. Você pode passar mais conhecimento aos visitantes usando suas próprias palavras e fazendo perguntas para motivar uma conversa, do que falando em monólogo.

– Fanni (treinadora de guias de pares da Hungria)

Durante a visita, você pode esperar todo tipo de reação dos alunos: interesse, perplexidade, pena, revolta, crítica, rejeição e tédio. Tenha em mente que uma visita é diferente da outra e pense no que te levou a fazer este trabalho e por que você acha a exposição importante. Talvez te ajude discutir previamente com os outros guias porque a exposição sempre tem algo a oferecer a alguém e quais são, na opinião deles, as coisas mais importantes a passar para os visitantes. Quanto mais você pratica, melhor você se torna.

A visita em si

A nossa experiência é que uma visita guiada feita de forma cronológica funciona melhor se a seleção de fotos escolhidas para se mostrar aos visitantes não ultrapassar de 10 a 15 no total. Concentre-se nessas fotos (a não ser que o grupo esteja particularmente interessado em algumas outras). Use essas imagens e o texto no painel, tanto quanto possível. Por exemplo, você pode usar uma citação da exposição ou do diário de Anne para criar uma discussão. Certifique-se de que não vai ficar lendo o tempo todo. Se você quiser dar enfoque a uma citação ou um texto, peça a alguém do grupo para ler e faça perguntas sobre o assunto (por exemplo: O que você achou do que leu? O que essa mensagem lhe provoca? O que você vê nesta mensagem?).

• *Dicas de outros guias*

Cada visita é diferente da outra e apresenta as suas próprias necessidades. No início, essa responsabilidade talvez possa ser assustadora, mas fale com seu coração, certifique-se de que você conhece bem a exposição e tenha em mente que cada guia é único, porque cada pessoa é única. – Anush (19 anos, guia de pares da Argentina)

Fique de olho no tempo. Alguns grupos fazem mais perguntas do que outros, o que significa que você talvez deva dedicar menos tempo falando de certas imagens ou objetos e mais tempo será dedicado aos debates. O importante é que você estabeleça uma aproximação com o grupo e o deixe participar o máximo possível da visita. Uma visita é bem sucedido quando os visitantes comentam, fazem perguntas, expressam suas opiniões e fazem um pequeno debate.

Não conte ao grupo que Anne, Margot e seus pais eram pessoas comuns, mas deixe-os descobrir por si próprios. Quando as pessoas descobrem as coisas por si mesmas se envolvem mais no processo de aprendizagem. Portanto, tente também fazer com que os alunos percebam que essas pessoas foram vítimas inocentes e que, de forma alguma foram responsáveis pelas coisas horríveis que viveram.

Faça os alunos entenderem que os nazistas também eram pessoas comuns e que muitos alemães acreditaram em suas nas promessas devido à propaganda eficaz que faziam. Além disso, você também pode salientar que nem todos os alemães eram nazistas, que muitos deles resistiram com pequenos atos, tendo alguns deles assumido grandes riscos para ajudar judeus que nem sequer conheciam. Eles arriscaram seus empregos e até mesmo suas vidas. Volte sempre nestes temas históricos e no que eles têm a nos ensinar nos dias de hoje.

Verifique se as palavras que você usa não são muito difíceis para a idade e nível do seu grupo, e explique bem as palavras difíceis. Você pode perguntar aos visitantes porque eles acham que essa história é importante para o mundo de hoje (esta é uma pergunta ideal para se fazer no final).

O encerramento

É interessante que seja reservado um tempo ao final da visita guiada para uma conversa com o grupo e para algumas considerações finais, ainda que breves. Os visitantes acabaram de aprender (mais) sobre um dos períodos mais sombrios da história humana. Eles têm bastante informação para pensar a respeito. Finalmente, você pode perguntar aos visitantes se eles ainda têm alguma pergunta que ficou sem ser respondida ou se querem fazer mais alguma observação.

É sempre positivo se você, em seu discurso de encerramento, fizer um paralelo entre os temas da exposição e a vida nos dias de hoje. Este é um bom momento para falar sobre a importância da exposição para os alunos e suas vidas. Depois de agradecer aos visitantes pela sua atenção, agradeça também ao professor. Aqui estão alguns exemplos de como encerrar a sua visita guiada:

- Uma maneira normalmente usada para terminar o visita é fazendo um resumo dos principais pontos que os alunos tenham visto na exposição e também pontuando um ou mais comentários feitos pelo grupo.
- Você pode se concentrar nas lições importantes da exposição e passar uma mensagem aos alunos. Tome cuidado para que esta mensagem não vire um “sermão”.
- Você pode convidar os alunos para voltar em uma próxima visita para ver o resto das fotos e informações, inclusive, trazendo seus amigos e familiares.
- É interessante dar aos professores e alunos algumas dicas de atividades que tenham a ver com o tema da exposição. Muitas vezes, existem algumas outras atividades acontecendo nos arredores, tais como: palestras, peças de teatro, música e filmes.
- Muitas exposições têm um livro de visitas onde as pessoas podem deixar uma mensagem sobre o que acharam do evento.

Dicas & Truques

Fazendo contato com os visitantes

- Fique atento em sua linguagem corporal, na maneira como se expressa verbalmente e no tom de sua voz. Dependendo do grupo, às vezes você

pode se sentar, se o fato de estar na mesma altura que os alunos lhe ajudar a se comunicar.

• *Dicas de outros guias*

Ser um bom guia para mim significa que você está interessado na história de Anne e entusiasmado com o seu trabalho de guiar na exposição. – Patrick (16 anos, guia de pares da Alemanha)

- Certifique-se que todos conseguem lhe ver e ouvir. Ao falar pausadamente e com clareza, você possibilita aos visitantes ter tempo para compreendê-lo melhor. Use uma linguagem adequada e a mantenha simples se acha que assim vai ficar mais fácil para o grupo entender. Especialmente para grupos mais jovens, é melhor não usar palavras muito difíceis. Para estes grupos, é, muitas vezes, mais eficaz escolher temas mais simples e imagens menos chocantes da exposição.
- Quanto mais você der a oportunidade aos visitantes de dizer ou fazer algo, maior será a chance de eles absorverem melhor as informações. Não faça monólogos, mas sim perguntas aos visitantes. De preferência não faça perguntas que possam ser respondidas com sim, não ou números e fatos. Muitas vezes, é mais eficaz fazer perguntas como: O que você vê aqui? Que impressão você tem desta foto? O que você acha que aconteceu antes / depois que a foto foi tirada? Quem tirou esta foto e por quê?
- Incentive pequenas discussões em grupo; somente responda uma questão se os visitantes não souberem a resposta. Deixe-os descobrir as coisas. Não tem nenhum problema se eles não concordarem, mas, certifique-se dos fatos. Se você não se sentir à vontade com o rumo das conversas, pode também ouvir algumas opiniões diferentes, e, em seguida, voltar para a mensagem que quer transmitir.
- Não tenha medo de dizer “Eu não sei”, caso não tenha resposta para uma pergunta. Lembre-se que você não precisa ser um especialista. Pergunte o que não sabe a outros no grupo, ou ao professor. Se eles também não souberem, proponha ao grupo que você (ou eles) vai tentar descobrir e trazer a resposta.
- Enfatize que Anne Frank e as outras vítimas eram seres humanos comuns, cada um com múltiplos papéis e histórias. Não deixe que o Holocausto

seja o único assunto a ser debatido. Todo mundo tem sua própria história. Valorize a história de vida de cada um do grupo, suas esperanças, seus sonhos e sua personalidade.

- Horário da visita: cada grupo tem sua visita à exposição previamente agendada. Os visitantes são influenciados por aquilo que eles experimentaram no dia ou na semana, ou pelo que viram no noticiário. Isto pode lhe dar a oportunidade para se referir a eventos atuais (em caráter informativo, sem indicar claramente a sua própria opinião).

Colaborando com outros guias de pares

- Faça a visita guiada em pares (dupla) se isso funcionar melhor. Se você se sentir confortável, pode fazer o tour junto com outra pessoa. Isto lhe dá um apoio extra. Antes de tudo, combine quem irá fazer o quê.
- Encontre com os outros guias e troque experiências, boas e más. A troca de experiências sempre ajuda a melhorar o seu tour.
- Use suas anotações e tenha este guia sempre em mão, se preferir. Não há problema em dar uma olhada de vez em quando, como um lembrete.

Lidando com situações difíceis

- Seja sempre contra comentários “desumanos” ou discriminatórios, não importa a intenção deles. Tente não reagir emocionalmente ou julgando quem fez o comentário e dê respostas honestas e sinceras.
- Ouça atentamente o que dizem os visitantes e verifique se entendeu direito, pedindo a pessoa que repita, caso você não tenha certeza do significado do que foi dito. Não complete com suas próprias palavras o que as pessoas querem dizer, mas faça perguntas adicionais, se necessário.
- Apele para a empatia e compreensão do grupo, fazendo-lhes perguntas (“Como você se sentiria se as pessoas tivessem preconceitos sobre você / lhe discriminassem?”). Quando as pessoas se colocam no lugar do outro, frequentemente, passam a ser mais compreensivas.
- Enfatize que a diversidade é uma coisa boa. As pessoas têm diferentes sentimentos, ideias e opiniões. Porém, as pessoas do mundo inteiro também compartilham valores e outras semelhanças. Essa é uma parte fundamental das sociedades livres e democráticas.

• Dicas de outros guias

Um guia de pares deve, em primeiro lugar, gostar do seu trabalho, estar aberto a aprender coisas novas, mas também avaliar as coisas de forma crítica. Guias devem ser muito pacientes, bons ouvintes e gostar de lidar e interagir com os visitantes. – Sara (17 anos, guia de pares da Croácia)

- Tente não entrar em discussões desagradáveis com alguém, em particular. Caso contrário, você perde a atenção do resto do grupo e também perde o seu foco. Se um determinado membro do grupo não prestar atenção, não dê muita importância ao fato, pois, de outra forma, fica desagradável para você e desmotiva os visitantes que querem prestar atenção. Dirija a sua atenção para a maioria e para o impacto que você pode causar neles. Às vezes, passar para o próximo painel ou ir para um exercício que os visitantes possam fazer, acaba ajudando.
- Lidando com visitantes difíceis: às vezes, há um “desmancha-prazeres” entre os visitantes. Muitos guias deverão ignorar seus comentários se eles forem feitos de forma natural e não contagiarem os outros no grupo. Mas, alguns comentários não podem ser ignorados, tais como perguntas diretas que demonstrem uma falta de respeito por você, pelos outros visitantes ou pelas vítimas que fazem parte da exposição. Nesses casos, você pode sempre pedir ajuda da pessoa responsável pelo espaço expositivo. Se um grupo está acompanhado por um professor, peça a sua ajuda. Isso significa que você talvez tenha que fazer uma pausa no tour para ter uma conversa particular com o professor. Não tenha medo de fazê-lo, se necessário. Trate seus visitantes com respeito, mas exija que eles também lhe tratem da mesma forma.

3 A EXPOSIÇÃO

A exposição é composta de 34 painéis, sendo 25 da parte histórica e 9 da parte contemporânea. A parte histórica centra-se na vida de Anne, enquanto a parte contemporânea conta a história de 6 jovens e como eles lidam, nos dias de hoje, com o preconceito, a discriminação e a exclusão.

Uma visão geral dos painéis

<i>Painel</i>	<i>Tema</i>	<i>Descrição</i>
<i>Parte histórica (A história da vida de Anne Frank)</i>		
Painel Introdutório		
1-3	Nascimento e vida de Anne na Alemanha 1929-1933	O nascimento de Anne e a ascensão do nazismo na Alemanha.
4-6	Países Baixos: um novo lar 1933-1938	A vida nos Países Baixos e a introdução de leis antisemitas.
7-9	Os Países Baixos são ocupados 1939-1940	A Alemanha nazista ocupa a Holanda.
10-12	A família Frank decide se esconder 1941-1942	Anne recebe um diário de presente de aniversário. Margot recebe uma convocação e a família decide se esconder.
13-15	O Anexo Secreto 1942-1944	Preocupação e desespero no Anexo Secreto.
A B C Sala	O esconderijo As pessoas do esconderijo As ajudantes	
16-18	A traição e a deportação para os campos 1944-1945	As pessoas do Anexo Secreto são descobertas e separadas umas das outras.
19-21	O retorno de Otto e a recordação do passado 1945-dias atuais	Otto Frank retorna a Amsterdã. Consequências do holocausto. Reflexão do passado nos dias de hoje.
<i>Parte Contemporânea (História de jovens de hoje em dia)</i>		
Painel Introdutório		
22-23	Quem é você?	Como você se descreveria? Como outros lhe descrevem? (Büsa e Jim)
24-25	A que grupo você pertence?	Que papéis você desempenha? Como os outros tendem a te classificar? (Michael e Kim)
26-27	Lidar com exclusão	Troca de experiências e sobre como lidar com o preconceito e a discriminação. (Dylan e Batja)
28	E você?	Que tipo de preconceitos você tem? O que você pode fazer contra a exclusão e como se posicionar contra o preconceito e a discriminação?

4 PARTE HISTÓRICA DA EXPOSIÇÃO

Painel 1-2-3

1929 - 1933

Anne nasce em 12 de Junho de 1929, em Frankfurt am Main, Alemanha. A família Frank é judia. Edith e Otto Frank também têm uma filha mais velha chamada Margot. Com a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a subsequente crise econômica, há muito desemprego na Alemanha. O número de simpatizantes do NSDAP cresce neste tempo de insatisfação. Os nazistas culpam os judeus por todos os problemas. Cerca de 550 mil judeus vivem na Alemanha naquele momento, o que representa menos de 1% da população. Em 1933, Hitler e seu partido (o NSDAP) alcançam o poder. Eles odeiam os judeus. Outra palavra para ódio aos judeus é antissemitismo. Os judeus são discriminados: pouco a pouco, eles vão perdendo seus direitos civis. Em cada vez mais lugares são pendurados cartazes com os dizeres "Os judeus não são bem-vindos". Os pais de Anne decidem ir embora de Frankfurt.

Painel 4-5-6

1933 - 1938

Aos quatro anos de idade, Anne muda-se com seus pais e sua irmã Margot para a Holanda. O pai de Anne encontra trabalho na Holanda. Ele abre sua própria empresa, Opekta, que comercializa pectina, um produto usado em geleias de compota. Na empresa também trabalham Victor Kugler, Johannes Kleiman, Miep Gies e Bep Voskuijl. Eles se tornam bons amigos da família Frank.

Anne vai para uma escola Montessori, em Amsterdã. Na turma de Anne também há outras crianças judias vindas da Alemanha. Na Alemanha, Hitler e seu partido detêm todo o comando. Os professores que não concordam com eles são demitidos. Resistir é muito perigoso. Cada vez mais judeus querem deixar a Alemanha. Os nazistas se voltam totalmente contra os judeus. Na madrugada de 9 para 10 de novembro de 1938, eles colocam fogo em sinagogas e lojas judaicas, entre outros (painel 6, última foto abaixo). Trinta mil homens judeus são presos, e mais de 100 judeus são mortos.

Painel 7-8-9

1939 - 1940

Em 1º de setembro de 1939, o exército alemão invade a Polônia. É o início da Segunda Guerra Mundial. Em maio de 1940, a Holanda também é atacada. Quando o centro de Roterdã é bombardeado, o comando do exército holandês se rende. A partir daquele momento, a Holanda se torna ocupada. Otto e Edith tinham a esperança de que a Holanda permaneceria fora da guerra (neutra). Anne escreve em seu diário: "Após maio de 1940, os bons tempos foram diminuindo cada vez mais: primeiro a guerra, depois a capitulação (a rendição) e a chegada dos alemães e então, os problemas para nós judeus começaram."

Na Holanda ocupada, medidas antijudaicas são adotadas gradualmente. Desta forma, é proibido para os judeus ter seu próprio negócio. Isso inclui a Opekta, a empresa de Otto. Por isso, ele transfere a diretoria para Johannes Kleiman e Victor Kugler, e a o marido de Miep Gies, Jan.

Painel 10-11-12

1941 - 1942

No verão de 1941, Anne também é confrontada com as medidas antijudaicas. Crianças judias devem frequentar escolas separadas. Após as férias de verão, Anne e Margot vão para o Liceu judaico, que foi especialmente criado para crianças judias. No outono, cada vez mais lugares são proibidos para os judeus: parques, cinemas, bibliotecas e até mesmo a praia. Em 12 de junho de 1942, Anne ganha um diário no seu décimo terceiro aniversário. Otto e Edith estão cada vez mais preocupados: há rumores de que todos os judeus têm que ir para campos de trabalho na Alemanha nazista. Em total sigilo, eles se preparam para se esconder. Quando Margot, em 05 de julho de 1942, recebe uma convocação para se apresentar para um campo de trabalho, eles decidem ir para o esconderijo no dia seguinte. Este é um Anexo Secreto do escritório da Opekta, na Rua Prinsengracht, no centro de Amsterdã.

Painel 13-14-15

1942 - 1944

A família Frank se esconde no anexo secreto, juntamente com a família van Pels: Hermann, Auguste e seu filho Peter. Quatro meses depois, chega Fritz Pfeffer, dentista e conhecido dos escondidos. Ele conta sobre os ataques das tropas do assalto (razias). A última foto do painel 13, abaixo, é uma das imagens raras de um ataque em Amsterdã. É 26 de maio de 1943, de manhã bem cedo. O centro de Amsterdã encontra-se cercado. Três mil judeus foram retirados de suas casas. Eles são levados de trem para Westerbork, e de lá para os campos de concentração e de extermínio. No Anexo Secreto, os escondidos têm de ficar em silêncio durante o dia, porque os funcionários do armazém da empresa, que não sabem que há pessoas se escondendo, não podem perceber nada. Os escondidos ficam geralmente lendo. Anne, Margot e Peter também fazem dever de casa. Em seu pequeno quarto, Anne escreve muito em seu diário. Ela sente falta de suas amigas e faz de conta que tem uma grande amiga: Kitty. Anne escreve a ela sobre o que ela pensa, sente e experimenta no Anexo Secreto. Ela sonha em se tornar uma escritora famosa ou uma jornalista, depois da guerra. Quando o diário dela ficou cheio, Anne passa a escrever em cadernos e folhas soltas de papel. Ela começa a escrever um livro sobre sua vida no Anexo Secreto. Para isso, ela usa uma grande parte de seu diário.

Painel 16-17-18

1944 - 1945

No verão de 1944, os escondidos já estão a mais de dois anos no Anexo Secreto. Como os aliados estão avançando rapidamente em direção à fronteira holandesa, Anne espera poder voltar à escola no outono. Porém, em 4 de agosto de 1944, houve uma invasão no Anexo Secreto. Todos os escondidos são presos. Eles foram denunciados. Nunca ficou claro quem fez isto. O diário, cadernos e folhas soltas de Anne ficam para trás no esconderijo. Miep e Bep os encontram, ao irem ao Anexo Secreto. Miep os guarda numa gaveta de sua escrivaninha.

Os escondidos são levados para a prisão, em Amsterdã. Em seguida, os nazistas os enviam primeiro para Westerbork, um grande campo transitório em Drenthe e, em setembro de 1944 são levados de lá para o campo de concentração

de Auschwitz, juntamente com milhares de outros judeus da Holanda. Na plataforma da estação em Auschwitz, os homens são separados das mulheres. Lá, Anne e Margot veem seu pai pela última vez. Como o exército da União Soviética está pressionando o exército alemão a partir do leste, Anne e Margot são levadas em outubro de 1944 para Bergen-Belsen, outro campo de concentração. Lá elas morrem em fevereiro de 1945, dois meses antes da libertação do campo.

Painel 19-20-21

1945 - dias atuais

Otto Frank é o único dos oito que sobrevive ao Holocausto. Em junho de 1945, ele está de volta à Holanda libertada. Ao voltar, ele recebe o diário de Anne das mãos de Miep Gies, uma dos ajudantes dos escondidos. Otto lê no diário que Anne gostaria de publicar um livro de verdade, após a guerra. Portanto, Otto transforma todas as suas anotações em um livro de verdade, "O Anexo Secreto". Primeiro, ele é publicado em holandês, depois, em mais de 70 outras línguas.

Os nazistas mataram mais de seis milhões de judeus. Outros grupos também foram vítimas dos nazistas: Roma e Sinti, deficientes, Testemunhas de Jeová e homossexuais. Em todo o mundo, vítimas da Segunda Guerra Mundial são recordados. Segundo Otto, "O que aconteceu, não podemos mudar. A única coisa que podemos fazer é aprender com o passado e perceber o que a discriminação e a perseguição de pessoas inocentes significa. Minha opinião é que todos têm o dever de lutar contra o preconceito".

Painéis O Esconderijo, Os escondidos e Os Ajudantes (após o painel 13)

Painéis internos e externos da sala de painéis, ou painéis A, B e C. Somente a exposição maior tem uma sala de painéis, já a exposição com painéis avulsos não. A informação da sala de painéis consta nos painéis A, B e C. Na parte exterior destes painéis, ou painel A, há uma vista transversal do esconderijo e da casa da frente, onde ficavam as instalações da Opekta, a empresa de Otto Frank.

Nos outros painéis, ou painéis B e C, se encontram breve descrições de todos os escondidos e dos ajudantes.

5 PARTE CONTEMPORÂNEA

Esta parte da exposição fala sobre o aqui e agora. Você pode discutir o seu próprio ponto de vista e suas experiências. Os painéis apresentam seis jovens. Todos eles lidam com preconceito e discriminação, assim como Anne Frank teve de lidar. Estes jovens não vivem em tempos de guerra. Ao observar, ouvir e conversar uns com os outros sobre os jovens do painel, pode-se aprender mais sobre como funciona a exclusão, o preconceito e a discriminação. Um ponto importante é que você, através desta troca, pode avaliar a si mesmo e entender o que pode fazer para evitar o preconceito e a discriminação.

Preparação para os guias

Como é uma visita guiada?

Início → Painel Introdutório nº 21: Neste painel você faz uma ponte entre passado e presente

Painel 22 → Trabalhar a folha de exercícios 1 com o grupo (em dupla)

→ Veja o filme identidade, discuta sobre os painéis 22 e 23

→ Faça o exercício 2 (antes de ir para o painel 24)

→ Veja o filme diversidade

→ Em seguida, leve o grupo para o painel 24 e continue até o 28

Exercício para os guias

- 1 Escolha um dos personagens (Michiel, Kim Batja ou Dylan) e siga sua história na exposição. Escolha alguém com quem você tenha mais coisas em comum. Desta forma você poderá explicar melhor o conteúdo, bem como dar exemplos de sua própria vida (caso você queira).
- 2 Reúna tudo o que sabe sobre o seu personagem e crie uma “nuvem de palavras”. Use os textos dos painéis, das fotos e dos filmes.
- 3 Explique a parte contemporânea através do seu personagem. Para isso, utilize todos os cartões. Responda a todas as perguntas-chave (veja os painéis). Por exemplo: *Quem é Michiel? Como os outros o veem? A que grupos ele pertence? Em que grupos os outros o classificam? Por quais situações Michiel já passou? Como ele lida com isso? O que Michiel aconselha a fazer contra os preconceitos negativos e a discriminação?*

A visita guiada e o uso dos cartões

Durante o treinamento, você praticou como guiar uma visita guiada. Isto você deve repetir quantas vezes achar necessário. Use os cartões como suporte adicional. Os cartões fornecem um breve resumo de cada painel e contêm perguntas que você pode fazer ao grupo, de forma a tornar a visita interativa. Envolve o grupo com o assunto tanto quanto possível, de forma que consiga sua atenção. Abaixo, destacamos dois exercícios que você pode fazer com o grupo. Desta forma, você tem um grupo dinâmico e sua atuação fica muito melhor.

“DEIXE-ME SER EU MESMO”

Este (a) sou eu

A cor do meu cabelo é... Eu não gosto de (fazer)... O nome da minha escola é...

Meu sobrenome é... Meu nome é... Eu sou um rapaz | garota... Eu estou no ... ano (escolar) | ... ano (universitário)

Minha cidade natal é... Minha terra natal é... A cor dos meus olhos é... Eu faço aniversário no mês de...

Meu hobby | passatempo é... Moram ... pessoas na minha casa... O tipo de música que eu gosto é...

Meu signo é... Minha religião é...

Quando eu não estou na escola gosto de # | fazer... Minha mãe nasceu em (cidade) | estado... Meu pai nasceu em (cidade) | estado...

A cor da minha pele é... Minha comida favorita é... Eu me sinto atraído (a) por... Nas minhas férias, eu gosto de ir para...

Um dos meus defeitos é... Uma de minhas qualidades é...

Como meus pais me descrevem...

Como os outros (meus amigos) me descrevem...

Parte 2: Esta parte eu vou compartilhar com os outros

- 1 Quais características são definidas no momento do nosso nascimento (o que não podemos mudar)? Cor VERDE
- 2 Quais características podemos mudar? Cor VERDE
- 3 Neste momento, acho isto muito importante. Coloque um ponto de exclamação (!) ao final dessas respostas.
- 4 Sobre qual parte do seu perfil você já ouviu falar coisas positivas?
- 5 E coisas negativas?
- 6 Esta parte eu devo compartilhar com a pessoa que está sentada ao meu lado. Circule as palavras que vocês escreveram em comum.

anne frank house

1º exercício com o grupo

Se aplicam aos painéis 21 e 22: identidade

Para uma boa introdução do tema identidade, faça uso da folha de exercícios. Esta folha de exercícios se aplica aos painéis 22 e 23. A estes painéis se aplica também o filme identidade. Comece preenchendo a folha de exercícios e assista ao filme em seguida. Ambos mostram o que identidade significa, como você descreve a si mesmo e como os outros o veem. Preencha sua folha de exercícios antes de começar.

2º exercício com o grupo

Antes de iniciar o painel 24 e antes de ver o filme diversidade

A fim de introduzir corretamente os temas sobre preconceito e discriminação, você pode usar este exercício. Imprima as oito fotos disponíveis. Divida o grupo em quatro grupos pequenos. Coloque a foto A, dos quatro personagens, em cima da mesa e deixe cada grupo escolher um personagem. Faça isso e coloque para o grupo a seguinte pergunta: com quem você gostaria de compartilhar um assento no ônibus, sabendo que será uma longa viagem?

Quando cada grupo fizer uma escolha, distribua a folha de exercícios 2. Peça-lhes para assinalar tudo o que se adapte ao seu personagem. Em seguida, mostre a foto B do personagem que escolheram e peça que eles atualizem suas respostas à folha de exercícios. Faça então as seguintes perguntas:

- 1 A foto B mudou sua impressão sobre ele / ela? Se sim, porquê?
- 2 Muitas vezes, nós rotulamos as pessoas por causa da primeira impressão que ela nos causa? Para encerrar, assista ao filme Diversidade. Neste filme, os quatro personagens são apresentados.



Explicação dos filmes

“Identidade” - Este curta-metragem mostra dois personagens - Búsra e Jim - ambos teclam pelo celular com alguém de sua família, um (a) amigo (a) ou algum desconhecido. O filme mostra que o modo com que alguém descreve uma pessoa dependendo do tipo de relação que esta tenha com a outra. Por exemplo, uma mãe descreve seus filhos de forma completamente diferente da que um amigo ou amiga normalmente faz. Nem todo mundo enxerga todas as faces da personalidade dessa pessoa. Um desconhecido, principalmente, avalia uma pessoa através da sua primeira impressão.



“Diversidade” - Neste filme estão quatro personagens - Kim, Michael, Dylan e Batja. Eles se apresentam e falam sobre suas maiores paixões e com quais grupos se identificam mais. Infelizmente, os outros – pessoas que não os conhecem (ou não querem conhecê-los) – não enxergam todos os aspectos de suas personalidades e os rotulam rapidamente, baseados em apenas uma característica (aparência) de sua identidade. Eles também têm de lidar com preconceitos contra o grupo no qual eles são incluídos pelos outros.

Como faço para lidar com questões difíceis do grupo?

Quando se discute os temas baseados nos painéis, como preconceito e discriminação, é possível ocorrer uma reação do grupo. Quando você pede a sua opinião, pode acontecer desta ser uma opinião negativa. Esteja ciente de que isso pode acontecer.

- Sempre responda aos comentários que você ache excessivos. Se você não reagir, então o grupo pode interpretar sua atitude como “parece que isso pode ser dito aqui.”
- Se um comentário mexer contigo, é melhor ser franco e deixar isto claro. Assim, você contribui para um clima aberto e democrático, no qual se pode discutir posições e comentários. Mas não censure ou se irrite, porque isso quebra o clima de abertura.
- Comente a observação que alguém fez, mas, não faça comentários sobre a pessoa em si.
- Tente o método: ouvir, resumir, continuar perguntando. Dessa forma, você pode descobrir por que o comentário foi feito.
- Sempre fale com a pessoa que acompanha o grupo, ela o conhece melhor que ninguém.
- Fale também com essa pessoa separadamente, ao final da visita, assim você não envolve muito o grupo e não interrompe sua visita por esse motivo. Porém, se o grupo todo concorda com a observação, tente então seguir com a discussão e pergunte, com cuidado, o que eles querem dizer com isso.

20 coisas que o guia de pares precisa saber

- 1 Identidade significa descrever-se com palavras e exemplos diferentes.
- 2 Você descreve a si mesmo, sobre quem você é (seu autorretrato), quem você gostaria de ser e como você quer parecer para os outros (imagem).
- 3 Uma descrição de si mesmo nunca está terminada. Você cresce e muda à medida que vai ficando mais velho.
- 4 Algumas características, você adquire desde o seu nascimento, elas nos formam e nós mesmos damos forma a elas.
- 5 O ideal é que a sua descrição de si mesmo seja como a descrição que outros escrevem sobre você. Porque só assim você irá se sentir realmente bem consigo mesmo.
- 6 Nós nos definimos por meio de grupos dos quais fazemos parte ou daqueles com os quais nos identificamos. Nós pensamos em “nós” e “eles”.
- 7 Nosso contato com o outro determina por uma grande parte quem somos e como nos vemos.
- 8 Os grupos aos quais pertencemos e com os quais nos identificamos, em alguns casos, dependem muito do contexto e da fase de vida em que você se encontra.
- 9 Um grupo com o qual você se identifica é chamado de endogrupo, e um grupo com o qual você não tem qualquer identificação é chamado de exogrupo.
- 10 Nem sempre você pode escolher, por si mesmo, um endogrupo para pertencer. Pense em uma deficiência, nacionalidade ou origem.
- 11 Alguns grupos a que pertencemos, nós não os escolhemos. Você tem uma determinada origem e acaba sendo frequentemente relacionado ao grupo ao qual esta origem pertence. Neste ponto, não há nada que possa ser mudado.
- 12 Preconceitos são pensamentos em nossas mentes, ideias sobre os outros. Contanto que não os verbalize ou os demonstre, você não estará fazendo mal a ninguém.
- 13 A discriminação é um comportamento dirigido a outros. Apenas se se você disser, escrever ou fizer algo abertamente, estará discriminando alguém.
- 14 Discriminação é o tratamento injusto e desigual, baseado na origem, religião, idade, orientação sexual ou gênero.
- 15 Qualquer pessoa pode ser confrontada com uma situação de discriminação.
- 16 Esteja consciente de seus preconceitos.
- 17 Tome a iniciativa para fazer algo.
- 18 Ao conhecer alguém e procure não rejeitá-lo (a) devido a um aspecto de sua identidade.
- 19 Somos todos iguais, e ao mesmo tempo tão diferentes.
- 20 Ponha-se no lugar da outra pessoa.

© Casa Anne Frank, 2015

Fotos: Casa Anne Frank

Design / Projeto Gráfico: Skepja/Pieter Mineur

Tradução: Marilucia Hoogendoorn

Contato: docenten@annefrank.nl

Mais informações: www.annefrank.org